

Estética Literária – Romantismo



A obra, acima, “A liberdade guiando o povo”, pintura de Delacroix, de 1830, foi inspirada nos acontecimentos políticos do mesmo ano em que foi feita, na França, quando o rei Carlos X assinou decretos que visavam trazer de volta o absolutismo. O pintor retratou a reação violenta da burguesia. Observe que a figura central do quadro é uma alegoria da liberdade, conceito extremamente cultivado pelos românticos.

O Romantismo está relacionado a dois acontecimentos que mudaram a face da Europa: a Revolução Industrial e a Revolução Francesa, responsáveis pela consolidação da burguesia, que infiltrando-se na aristocracia (grupo social com grande poder econômico e político), começou a dominar a vida política, econômica, cultural e social.

O Absolutismo cedeu lugar ao liberalismo, corrente filosófica fundamentada na crença da capacidade individual do homem. Por isso, o individualismo tornou-se um valor essencial para a sociedade da época.

A Revolução Industrial, por sua vez, gerou novos inventos com o objetivo de solucionar os problemas técnicos decorrentes do aumento de produção, provocando a divisão de trabalho e o surgimento da mão-de-obra especializada.

Se de início os artistas que se denominavam românticos aceitaram as ideias da burguesia, mais tarde demonstrariam descrença e frustração diante da realidade forjada pelo espírito burguês. Por isso o Romantismo apresenta, às vezes, características contraditórias.

Diante disso, é necessário fazer uma distinção entre os temas romantismo e Romantismo.

A palavra romantismo designa uma maneira de se comportar, de agir, de interpretar a realidade. O romantismo sempre existiu e caracteriza-se pelo devaneio, por uma atitude emotiva diante das coisas, atitude responsável pela mais extrema rebeldia e por profunda melancolia. Esse comportamento, chamado romantismo, pode ocorrer em qualquer época da história. É nesse sentido que se fala, hoje, em música romântica, cinema romântico, telenovela romântica.

Como movimento histórico, o Romantismo surgiu na Alemanha e na Inglaterra no final do século XVIII e predominou na primeira metade do século XIX. Em Portugal, a partir de 1825. No Brasil, o estilo teve início com uma obra publicada em 1836.

Nesse caso, o termo Romantismo designa uma tendência geral da vida e da arte, um estilo que predominou em um determinado tempo.

Tendo surgido na Alemanha, o movimento romântico conquistou a Inglaterra, a França e, posteriormente, todos os países europeus, de onde se difundiu para a América. Mas não se pode imaginar que o Romantismo tenha sido uniforme. Foi um estilo rico, diversificado e muitas vezes contraditório.

Três componentes resumem o processo criativo dos românticos: paixão, emoção e liberdade, todos relacionados a uma subjetividade tão forte como nunca se tinha notado na arte ocidental.

Dessa subjetividade decorrem as características básicas dos textos românticos.

Liberdade de criação: mais que uma característica, trata-se de uma postura diante da arte e da vida. Se no Classicismo e no Arcadismo a norma era a imitação da arte greco-romana, considerada como modelo, no Romantismo o escritor rejeita qualquer modelo e procura expressar-se por uma atitude pessoal, individual, que pretende ser única. Para os românticos, expressar-se significa exprimir sua personalidade, independentemente de quaisquer regras.

Essa característica só pode ser observada se compararmos um texto romântico com textos que se enquadram nos estilos de época anteriores ao Romantismo.

2. Sentimentalismo: enquanto o artista clássico analisa e expressa a realidade sobretudo através da razão, o romântico vale-se dos sentimentos. Por isso, é o sentimento de cada um que define a importância ou não das coisas.

3. Supervalorização do amor: é a consequência mais imediata do sentimentalismo. O amor é considerado como a coisa mais importante da vida, em flagrante oposição ao valor mais cultivado pela burguesia: o dinheiro. Perder o amor significa perder o sentido da vida. Essa perda provoca basicamente três consequências: a loucura, a morte ou o suicídio, situações comuns em epílogos de romances românticos.

4. Idealização da mulher: a mulher – objeto do amor romântico – é divinizada, cultuada, pura, aparecendo às vezes envolta numa atmosfera de mistério.

5. Mal-do-século: a palavra é uma tradução aproximada do texto spleen, que surgiu na Inglaterra e esteve em moda em toda a Europa no período romântico.

O mal do século origina-se basicamente de dois fatores. Um deles é a ideia aceita pelos românticos de que o espírito humano busca sempre a perfeição, a totalidade, o absoluto, o infinito. No entanto, sendo humanos, somos incapazes de atingir esse estado. A constatação dessa impossibilidade gera a angústia que caracteriza o mal do século.

ROMANTISMO NO BRASIL

Envolvidos pelo entusiasmo nacionalista gerado pela proclamação da Independência em 1822, os escritores românticos engajaram-se também no projeto de criação de uma literatura autenticamente nacional. Esse esforço de “brasilidade” revelou-se na escolha de temas ligados à realidade social e histórica e na própria linguagem usada pelos escritores, que abandonaram aos poucos o tom lusitano em favor de um estilo mais próximo da fala brasileira.

Nessa época, o Brasil era um país essencialmente agrário, dependente do trabalho escravo. Estava longe do processo de desenvolvimento urbano que a Revolução Industrial, com suas fábricas e multidões de operários, provocava em muitos países europeus. No início do século XIX, o imenso território brasileiro ainda era pouco povoado e a vida cultural, a não ser em algumas poucas cidades, como o Rio de Janeiro, por exemplo, era praticamente inexistente.

Os folhetins publicados nos jornais existentes atraíram a atenção do pequeno público leitor da época. Como muitas pessoas gostavam de acompanhar as histórias, mas não sabiam ler, era costume, nas casas de família, a realização de reuniões periódicas em que alguém lia em voz alta os capítulos dos folhetins.

A publicação da obra *Suspiros poéticos e saudade* (1836), de Gonçalves de Magalhães, tem sido considerado marco inicial do Romantismo no Brasil. A importância dessa obra, porém, reside muito mais nas novidades teóricas de seu prólogo, em que Magalhães anuncia revolução literária romântica, do que propriamente na execução dessas teorias.

Na Idade Média europeia, as línguas provenientes do Latim denominavam-se ‘romances’, que era também a designação dos poemas narrando histórias de cavaleiros e seus feitos cheios de aventuras heróicas e amorosas. Daí originou-se o nome ‘Romantismo’, que passou a denominar um movimento literário nascido na Inglaterra e na Alemanha no século XVIII.

Abrangendo as vertentes de poesia e prosa de ficção, o Romantismo se norteou por duas grandes frentes inovadoras: a valorização do 'eu', no plano individual; e a tendência para o nacionalismo, no plano político, ambos sob a égide de ideais e liberdade.

O domínio do subjetivismo e do culto do 'eu' (egotismo) vinha em substituição aos temas épicos do Classicismo, em que se tomava o povo inteiro como herói. O 'eu' vinha também como substituto das temáticas religiosas e de fundo moral, em que a literatura estava a serviço de crenças e de governos; ou dos temas em que se focalizava o 'bom selvagem' e os motivos campestres. Assim, o poeta, que antes cantava a pátria (como os clássicos Homero e Camões) ou que glorificava Deus (os barrocos) ou o bucolismo (os arcades), agora voltava-se para si e para os problemas individuais, envoltos invariavelmente numa aura de sentimentalismo.

Por outro lado, politicamente, enquanto ocorriam na Europa os movimentos nacionalistas (a Alemanha e a Itália, por exemplo, ainda eram divididas em pequenos estados-nações), nas Américas as colônias conquistavam suas independências na Inglaterra, da Espanha e Portugal.

Desse modo, o tema 'nacionalismo' – tanto no Velho Mundo como no Novo – caiu como luva na receita romântica. Refutava-se a cultura clássica e a influência Greco-latina em prol de valores nacionais e libertários.

Para isso, os europeus buscaram na Idade Média suas raízes nacionais, e assim, grande parte de seus livros contava histórias de cavaleiros medievais (como em *Ivanhoé*, de Walter Scott). Por outro lado, no Brasil se elegia o índio como herói, reconhecendo-o como origem de nossa cultura (como nos romances indianistas *Iracema*, *O guarani*, *Ubirajara*, de José de Alencar, e nos poemas indianistas de Gonçalves Dias).

O projeto de José de Alencar buscava mais ainda: incluía a nacionalização da língua ou o reconhecimento de uma variante brasileira para a língua portuguesa, sem o que não poderíamos ter uma língua e uma literatura nacional.

As primeiras manifestações românticas no Brasil surgiram com a publicação do livro *Suspiros poéticos e saudades* (1836), de Gonçalves Magalhães, em cujo prólogo o autor já teorizava sobre a nova escola literária. Outro marco inaugural foi o lançamento, na França, de *Niterói* – revista brasiliense, editada pelo mesmo Magalhães (1836).

O romance ou a prosa de ficção

Ao contrário da poesia, que há séculos vem sendo cultivada, não havia, nessa época, o gênero que hoje conhecemos como '**romance**' – essa narrativa em prosa de ficção contando casos e histórias de personagens saídos da burguesia.

O antigo romance medieval narrava episódios de fundo moral e religioso e retratava personagens da aristocracia e do clero, e sua leitura era muito pouco atraente.

O verdadeiro romance, portanto, nasceu no século XVIII na Inglaterra e na França, em pleno Romantismo, e um do seu pioneiro foi Daniel Defoe com as aventuras de Robinson Crusoé, livro que não demorou a conquistar milhões de leitores britânicos e depois em quase todo o mundo.

Com o desenvolvimento da imprensa, os jornais cresceram e começaram a publicar histórias divididas em capítulos semanais, que causavam enorme interesse público. Eram os chamados 'romances em folhetim', que passaram a ocupar parte dos jornais de maior tiragem na Europa.

No século XIX, essa moda chegou ao Brasil e alcançou também repercussão popular. Surgia no país um mercado de consumidores de folhetins, constituídos especialmente de mulheres, estudantes e profissionais liberais, todos da classe média. A grande massa da população pobre permanecia quase toda no analfabetismo.

Nossos primeiros romances foram A filha do pescador, de Teixeira e Sousa (1843) e A moreninha, de Joaquim Manoel de Macedo (1844).

Contexto e características

O ambiente enfumaçado das guerras napoleônicas, a decadência dos reis absolutos e a primazia do liberalismo econômico e do capitalismo constituem o panorama do Romantismo europeu. Finalmente a burguesia, em sua escala desde o Renascimento, chegava ao poder, destronando praticamente a nobreza.

O Brasil do final século XVIII, não emancipado de Portugal, ansiava por liberdade, assistia a algumas revoltas internas, e ainda amarga a derrota da Inconfidência Mineira.

Mudanças só viriam após 1808, com a transferência da Corte portuguesa para o Brasil e algumas reformas de D. João VI, como a abertura dos portos para as nações amigas, a criação da Biblioteca Nacional, da Imprensa Régia e do Banco do Brasil.

Nossa independência, porém, só se efetivaria em 1822, portanto em pleno século XIX, bem depois da dos Estados Unidos e de outros países americanos. Em relação à escravidão negra também se repetiria o atraso, pois só obtivemos a abolição definitiva em 1888, tornando-se o Brasil uma das últimas nações a se livrar desse flagelo.

No Brasil, as características gerais do Romantismo são:

Culto do 'eu' (individualismo e subjetivismo exacerbados); Sentimento de nacionalidade e dos ideais de liberdade em todos os sentidos; Apelo ao sentimentalismo e aos temas amorosos; Valorização da originalidade, da imaginação e da inspiração; Visão da mulher como uma criatura idealizada.

Gerações, fases e tipos:

Movimento que se abrangeu um longo período de tempo e coincidiu com significativos fatos históricos, o Romantismo apresentou, em sua trajetória, gerações, tipos e fases distintas no Brasil.

Na poesia, houve basicamente três gerações e fases:

Primeira fase

A preocupação fundamental do primeiro momento foi definir uma temática nacional. Essa preocupação manifestou-se em obras de valor documental, como o prefácio de Suspiros poéticos e saudades, de Gonçalves de Magalhães, e em manifestações literárias propriamente ditas, como na obra Primeiros cantos (1846), de Gonçalves Dias, primeira expressão legítima de uma poesia nacional de qualidade.

Segunda fase

A tendência mal-do-século, presente ocasionalmente na obra de autores da primeira fase, vai ser o traço fundamental de nossa segunda fase romântica, também conhecida como Ultrarromantismo, ou seja, o Romantismo levado às últimas consequências. A expressão da angústia, do sofrimento, da dor existencial marca grande parte das obras dessa segunda fase.

Desse desequilíbrio existencial resulta a fuga na fantasia, no sonho e a obsessão pela morte, além da atração por paisagens sombrias. É o chamado "lirismo da descrença", do qual Álvares de Azevedo é o poeta mais representativo.

Ocorrem também traços inovadores nesta segunda fase. Na obra de Fagundes Varela inaugura-se a preocupação com o escravo; em Joaquim de Souza Andrade (Sousândrade) nota-se uma audaciosa renovação da linguagem.

Terceira fase

A terceira geração da poesia romântica brasileira é formada por poetas ligados à corrente condoreira ou hugoana, como também é chamada por influência do escritor francês Victor Hugo. Desse grupo participaram vários escritores, entre eles Castro Alves, Pedro Luís, Pedro Calasãs e, até certo ponto, Sousândrade.

Os condoreiros, comprometidos com a causa abolicionista e republicana, desenvolveram a poesia social. Seus poemas, geralmente em tom grandiloquente, próximo da oratória, tinham como finalidade convencer o leitor-ouvinte e conquistá-lo para a causa defendida. O centro da preocupação da linguagem desloca-se do eu (o emissor) para o assunto (no caso, a Abolição e a República), o que representa uma mudança profunda, considerando-se que o Romantismo é por natureza egocêntrico.

O nome condoreirismo dado a essa corrente associa-se ao condor ou a outras aves como a águia, o falcão e o albatroz, tomadas como símbolo dessa geração de poetas com preocupações sociais. Identificando-se com o condor – ave de voo alto e solitário e capaz de enxergar a grande distância –, os poetas condoreiros supunham-se também dotados dessa capacidade e, por isso, obrigados ao compromisso, como poetas-gênios iluminados por Deus, de orientar os homens comuns para os caminhos da justiça e da liberdade.

A decadência da monarquia e as lutas abolicionistas são problemas sociais que absorvem a atenção dos poetas da terceira fase romântica. O sofrimento alheio – sobretudo dos escravos – torna-se assunto de boa parte da melhor poesia produzida no período, em que sobressai o baiano Castro Alves, conhecido como “o poeta dos escravos”.

Características Gerais das 3 fases do Romantismo:

Subjetivismo – O poeta quer retratar em sua obra uma realidade interior e parcial. Trata os assuntos de forma pessoal, com suas opiniões e sentimentos, algo próximo a fantasia.

Sentimentalismo - Saudade (saudosismo), tristeza, nostalgia e a desilusão são constantes.

Egocentrismo – Cultua-se o “eu” interior, atitude narcisista.

Pessimismo – conhecido como mal do século. O artista se vê impossibilitado de realizar seus sonhos e desse modo cai em profunda tristeza, angústia, solidão, inquietação, desespero, que o leva muitas vezes ao suicídio.

Escapismo Psicológico – Espécie de fuga. O artista não consegue aceitar a realidade, por isso tenta uma fuga para lugares que o lembram coisas boas ou melhores, por isso ocorre uma volta ao passado, individual. (Ligadas ao seu próprio passado, infância).

Byronismo – Caracteriza-se por mostrar estilo de vida boêmia, voltada para o vício e os prazeres da bebida, fumo, do sexo. Sua forma de ver o mundo é bem egocêntrica, pessimista, angustiada e até mesmo satânica.

Religiosidade – a vida espiritual e a crença em Deus são enfocadas como ponto de apoio diante das frustrações do mundo real.

Nativismo – culto pela natureza. O nacionalismo é exaltado por ela.

A Poesia Brasileira na 3ª fase Romântica

Castro Alves

Castro Alves, o “poeta dos escravos”, é considerado a principal expressão condoreira da poesia brasileira. Nascido em Curralinho, hoje Castro Alves (BA), estudou Direito em Recife e em São Paulo. Sua obra representa, na evolução da poesia romântica brasileira, um momento de maturidade e de transição.

Maturidade em relação a certas atitudes ingênuas das gerações anteriores, como a idealização amorosa e o nacionalismo ufanista, substituídas por posturas mais críticas e realistas; transição porque a perspectiva mais objetiva e crítica com que via a realidade apontava o movimento literário subsequente, o Realismo.

Castro Alves cultivou a poesia lírica e social, de que são exemplos as obras *Espumas flutuantes* e *A cachoeira de Paulo Afonso*; a poesia épica, em *Os escravos*; e o teatro, em *Gonzaga* e *a Revolução de Minas*.

A linguagem usada por Castro Alves para defender seus ideais liberais é grandiosa, com gosto acentuado pelas hipérboles e por espaços amplos, como o mar, o céu, o infinito, o deserto. Trazendo inovações de forma e de conteúdo, a linguagem poética de Castro Alves prenuncia a perspectiva crítica e a objetividade do Realismo, movimento literário da década seguinte. Apesar disso, é uma linguagem essencialmente romântica, porque afinada com o projeto liberal do Romantismo brasileiro e bastante carregada emocionalmente, beirando os limites da paixão.

Embora a poesia lírica amorosa de Castro Alves ainda contenha um outro vestígio de amor platônico e da idealização da mulher, de modo geral ela representa um avanço decisivo na tradição poética brasileira, por ter abandonado tanto o amor convencional e abstrato dos clássicos quanto o amor cheio de medo e culpa dos românticos.

Em vez de “virgem pálida”, a mulher nos poemas de Castro Alves é quase sempre um ser corporificado e, mais que isso, participa ativamente do envolvimento amoroso. E o amor é uma experiência viável, concreta, capaz de trazer tanto a felicidade e o prazer como a dor. Portanto, o conteúdo da lírica do poeta é uma espécie de superação da fase adolescente do amor e o início de uma fase adulta, mais natural, que aponta para uma objetividade maior, renunciando o Realismo.

O erotismo na poesia de Castro Alves

Veja um exemplo de erotismo existente em alguns poemas de Castro Alves. Estes versos são do poema “Beijo eterno”:

Diz tua boca: “Vem!”

Inda mais! Diz a minha, a soluçar...Exclama

Todo o meu corpo que o teu corpo chama:

“Morde também!”

Ai! Morde! Que doce é a dor
Que me entra as carnes, e as tortura!
Beija mais! Morde mais! Que eu morra de ventura,
Morto por teu amor!

Navio Negreiro

III

Desce do espaço imenso,
ó águia do oceano!
Desce mais ... inda mais...
não pode olhar humano
Como o teu mergulhar no brigue voador!
Mas que vejo eu aí...
Que quadro d'amarguras!
É canto funeral! ...
Que tétricas figuras! ...
Que cena infame e vil...
Meu Deus! Meu Deus!
Que horror!

Esse poema épico-dramático, “O navio negreiro”, integra a obra Os escravos e, ao lado de “Vozes d’África”, da mesma obra, constitui uma das principais realizações de Castro Alves.

O tema de “O navio negreiro” é a denúncia da escravização e do transporte de negros para o Brasil. Quando o poema foi escrito, em 1868, já fazia dezoito anos que vigorava a Lei Eusébio de Queirós, que proibia o tráfico de escravos, mas a escravidão no país persistia.

Portanto, sem a preocupação de escrever sobre a realidade imediata, Castro Alves faz uma recriação poética das cenas dramáticas do transporte de escravos no porão dos navios negreiros. Para isso valeu-se em grande parte dos relatos de escravos com quem conviveu, na Bahia, quando menino.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. São Paulo. Cultrix, 2000.
- CANDIDO, Antônio. Iniciação à literatura brasileira. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.
- CEREJA, William Roberto e MAGALHÃES, Thereza Cochar. Literatura brasileira. São Paulo: Atual, 1995.
- CITELLI, Adilson. Romantismo. São Paulo: Ática, 1986.
- COUTINHO, Afrânio. A Literatura no Brasil. 6 vol. Rio de Janeiro: Editorial Sul-Americana, 1968.
- BRANCO, Joaquim. Literatura brasileira III: Romantismo. Cataguases: Funcec, 2009.
- FARACO, Carlos Emílio e MOURA, Francisco Marto. **Língua e Literatura**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- CEREJA, William Roberto e MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português**: Linguagens: 2 vol. São Paulo: Atual, 2005.
- SARMENTO, Leila Lauar. **Português**: literatura, gramática, produção de texto. volume único. São Paulo: Moderna, 2004
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- SOUZA, Diego Lucas Nunes de. **Literatura**: Romantismo. Apostila de Língua Portuguesa - Módulo II. Cataguases, 2010, p. 15 - 23.
-